

○ PARDAL

AMOSTRA

MARY DORIA
RUSSELL

○ PARDAL



Tradução
FÁBIO FERNANDES



MORROBRANCO
EDITORA

O PARDAL

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1996 by Mary Doria Russell

Copyright do Posfácio © 2016 by Mary Doria Russell

ISBN: 978-65-6099-029-6

Translated from original The Sparrow. Copyright © 1996 by Mary Doria Russell. ISBN 9780449912553. This translation is published and sold by arrangement with Villard Books, an imprint of Random House, a division of Penguin Random House LLC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, ME, Brasil)

R965p

1.ed. Russell, Mary Doria

O pardal / Mary Doria Russell ; tradução Fábio Fernandes. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.

480 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: The Sparrow.

ISBN 978-65-6099-029-6

1. Ficção científica - Literatura norte-americana. I. Fernandes, Fábio. II. Título.

02-2025/117

CDD 813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana
813.0876

Aline Graciele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutūs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução: Fábio Fernandes

Copidesque: Marina Constantino

Revisão: Luiza Thomaz

Diagramação: Rita Motta

Capa: Barbara M. Bachman


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis, como depressão, ideação suicida, estresse pós-traumático, pedofilia, prostituição de adultos e de menores, infanticídio, capacitismo, mutilação, tortura, massacre, espancamento, cárcere privado e violência sexual.

AMOSTRA

*Para Maura E. Kirby e Mary L. Dewing,
quarum sine auspicio hic liber in lucem non esset editas*

AMOSTRA

Prólogo

Em retrospecto, era previsível. Tudo na história da Companhia de Jesus comunicava habilidade e eficiência em ação, exploração e pesquisa. Durante o que os europeus gostavam de chamar de Era dos Descobrimentos, os padres jesuítas nunca estiveram mais de um ou dois anos atrás dos homens que fizeram o contato inicial com povos até então desconhecidos; de fato, os jesuítas eram muitas vezes a vanguarda da exploração.

As Nações Unidas levaram anos para chegar a uma decisão que a Companhia de Jesus alcançou em dez dias. Em Nova York, diplomatas debateram longa e exaustivamente, com muitos recessos e painéis sobre o assunto, se e por que recursos humanos deveriam ser gastos na tentativa de contatar o mundo que ficou conhecido como Rakhat quando havia tantas necessidades urgentes na Terra. Em Roma, as questões não eram se ou por quê, mas em quanto tempo se daria a tentativa e quem seria enviado na missão.

A Companhia não pediu licença a nenhum governo temporal. Ela agiu com base em seus próprios princípios, sob autoridade papal. A missão a Rakhat foi empreendida de modo mais privado do que secreto: uma distinção sutil, mas que a Companhia não sentiu nenhuma obrigação de explicar ou justificar quando a notícia foi divulgada vários anos depois.

Os cientistas jesuítas foram aprender, não fazer proselitismo. Eles foram para que pudessem vir a conhecer e amar os outros filhos de Deus. Foram movidos pela razão pela qual os jesuítas sempre estiveram nas fronteiras mais distantes da exploração humana. Eles foram *ad majorem Dei gloriam*: para maior glória de Deus.

Eles não tinham a intenção de fazer mal algum.

AMOSTRA



Roma

DEZEMBRO DE 2059

Em 7 de dezembro de 2059, Emilio Sandoz foi liberado da ala de isolamento do Hospital Salvator Mundi no meio da noite e transportado em uma van de entrega de pães para a Residência dos Jesuítas, no número 5 da Borgo Santo Spirito, a poucos minutos de caminhada da Praça de São Pedro, no Vaticano. No dia seguinte, ignorando perguntas aos gritos e vaías de indignação jornalística enquanto lia, um porta-voz dos jesuítas emitiu uma breve declaração para a imprensa frustrada e irritada que havia se apinhado do lado de fora da enorme porta da frente do Número 5.

— Até onde sabemos, o padre Emilio Sandoz é o único sobrevivente da missão jesuíta a Rakhat. Mais uma vez, estendemos nossos agradecimentos à ONU, ao Consórcio de Contato e à Divisão de Mineração de Asteroides da Ohbayashi Corporation por tornarem possível o regresso do padre Sandoz. Não temos informações adicionais sobre o destino dos membros da tripulação do Consórcio de Contato; eles estão em nossas orações. O padre Sandoz está muito doente para responder a perguntas neste momento e sua recuperação deve levar meses. Até lá, não haverá mais comentários sobre a missão jesuíta ou sobre as alegações do Consórcio de Contato sobre a conduta do padre Sandoz em Rakhat.

Isso foi apenas para ganhar tempo.

Era verdade, claro, que Sandoz estava doente. O corpo inteiro do homem estava roxo pelas florações de hemorragias espontâneas em pontos onde vasos capilares haviam se rompido e derramado seu conteúdo sob a pele. As gengivas tinham parado de sangrar,

mas levaria muito tempo até que ele pudesse voltar a comer normalmente. Em algum momento, algo teria que ser feito a respeito de suas mãos.

Agora, no entanto, os efeitos combinados do escorbuto, da anemia e da exaustão o mantinham dormindo vinte horas por dia. Quando acordava, ele ficava imóvel, enroscado como um feto e quase tão indefeso quanto um.

A porta de seu quartinho era quase sempre deixada aberta naquelas primeiras semanas. Uma tarde, pensando em evitar que o padre Sandoz fosse perturbado enquanto enceravam o piso do corredor, o irmão Edward Behr a fechou, apesar dos avisos em contrário da equipe do Salvator Mundi. Por acaso, Sandoz acordou e se viu trancado. O irmão Edward não repetiu o erro.

Vincenzo Giuliani, o Padre Geral da Companhia de Jesus, ia todas as manhãs ver o homem. Ele não fazia ideia se Sandoz estava ciente de ser observado; era uma sensação familiar. Quando muito jovem, quando o Padre Geral era simplesmente Vince Giuliani, ele era fascinado por Emilio Sandoz, que estava um ano à frente de Giuliani no processo de formação sacerdotal, que durava uma década. Um garoto estranho, Sandoz. Um homem intrigante. Vincenzo Giuliani tinha, como um estadista, dedicado a carreira a entender outros homens, mas jamais conseguiu entender aquele.

Olhando para Emilio, agora doente e quase mudo, Giuliani sabia que era improvável que Sandoz desistisse de seus segredos tão cedo. Isso não o afligia. Vincenzo Giuliani era um homem paciente. Era preciso ter paciência para prosperar em Roma, onde o tempo não é medido em séculos, mas em milênios; onde paciência e visão de longo prazo sempre distinguiram a vida política. A cidade deu seu nome ao poder da paciência: *Romanità*. *Romanità* exclui emoção, pressa, dúvida. *Romanità* espera, vê o momento e se move implacavelmente na hora certa. *Romanità* repousa sobre uma convicção absoluta de sucesso definitivo e surge a partir de um único princípio, *Cunctando regitur mundus*: esperando, tudo se conquista.

Assim, mesmo depois de sessenta anos, Vincenzo Giuliani não sentiu nenhuma impaciência com sua incapacidade de entender Emilio Sandoz, apenas vislumbrou quão satisfatório seria quando a espera chegasse ao fim e compensasse tudo.



O secretário particular do Padre Geral entrou em contato com o padre John Candotti no Dia dos Santos Inocentes, três semanas após a chegada de Emilio ao número 5.

— Sandoz está bem o suficiente para vê-lo agora — informou Johannes Voelker a Candotti. — Esteja aqui às duas.

Esteja aqui às duas!, John pensou irritado, marchando, em direção à Cidade do Vaticano, da casa de retiro onde acabara de receber um quartinho abafado com vista para as muralhas romanas — a pedra a apenas alguns centímetros da janela inútil. Candotti havia lidado com Voelker algumas vezes desde que chegara; tomara antipatia pelo austríaco desde o início. Na verdade, John Candotti não gostava de nada a respeito de sua situação atual.

Por um lado, não entendia por que havia sido convocado para aquilo. Nem advogado, nem acadêmico, John Candotti contentava-se em pender para o lado menos prestigioso do ditado jesuíta, *publish or parish*, publicação ou paróquia, e estava mergulhado até o pescoço nos preparativos para a programação de Natal da escola primária quando seu superior o contactou e lhe disse para voar a Roma no final da semana.

— O Padre Geral deseja que você ajude Emilio Sandoz. — Essa foi a extensão de seu *briefing*. John já tinha ouvido falar de Sandoz, claro. Todo mundo já tinha ouvido falar de Sandoz. Mas John não fazia ideia de como poderia ser de alguma utilidade para o homem. Quando pedia explicações, não conseguia arrancar uma resposta direta de ninguém. Ele não tinha prática nesse tipo de coisa; sutileza e rodeios não eram esportes praticados em Chicago.

Sem contar a própria Roma. Na festa de despedida improvisada, todos estavam muito animados por ele.

— Roma, Johnny! — Toda aquela história, aquelas lindas igrejas, a arte. Ele estava animado também, imbecil de merda. O que imaginava?

John Candotti tinha nascido para terra aplainada, linhas retas, quarteirões quadrados; nada em Chicago o preparara para a realidade de Roma. O pior foi quando passou a ver o prédio ao qual queria chegar, mas descobriu que a rua que seguia fazia uma curva para longe dele, levando-o para mais uma linda *piazza* com mais uma linda fonte, jogando-o em outro beco que não dava em lugar algum. Mais uma hora, encurralado e frustrado pelas colinas, pelas curvas, pelo ninho de rato de ruas que cheiravam a mijo de gato e molho de

tomate. Ele odiava estar perdido, e estava sempre perdido. Odiava estar atrasado, e estava sempre atrasado. Os primeiros cinco minutos de cada conversa eram John se desculpando por estar atrasado e seus colegas romanos lhe assegurando que não havia problema.

Ele odiava mesmo assim, então andava cada vez mais rápido, tentando chegar à Residência Jesuíta a tempo para variar, e acabou pegando no caminho uma escolta de criancinhas, muito barulhentas, escarnecendo e achando muita graça naquele homem ossudo, meio careca e narigudo com sua sotaina esvoaçante e braços balouçantes.

— Me desculpe por fazê-lo esperar. — John Candotti repetiu o pedido de desculpas a cada pessoa ao longo do caminho até o quarto de Sandoz e finalmente ao próprio Sandoz quando o irmão Edward Behr o levou para dentro e o deixou sozinho com o homem. — Ainda há uma multidão do lado de fora. Eles nunca vão embora? Eu sou John Candotti. O Padre Geral me pediu para ajudá-lo nas audiências. Prazer em conhecê-lo. — Ele estendeu a mão sem pensar, recolhendo-a sem graça quando lembrou.

Sandoz não se levantou da cadeira junto à janela e, a princípio, também não quis ou não pôde olhar na direção de Candotti. John havia visto imagens de arquivo dele, naturalmente, mas Sandoz era muito mais baixo do que esperava, muito mais magro; mais velho, mas não tão velho quanto deveria ser. Como era o cálculo? Dezesete anos fora, quase quatro anos em Rakhat, dezessete anos atrás, mas havia os efeitos relativísticos de viajar próximo à velocidade da luz. Nascido um ano antes que o Padre Geral, que tinha quase oitenta anos, a idade de Sandoz foi estimada pelos físicos em cerca de quarenta e cinco anos. Anos difíceis, a julgar pelo seu aspecto, mas não muitos deles.

O silêncio foi longo. Tentando não olhar para as mãos do homem, John debateu se deveria simplesmente ir embora. *É muito cedo*, pensou, *Voelker deve estar louco*. Então, por fim, ouviu Sandoz perguntar:

— Inglês?

— Americano, padre. O irmão Edward é inglês, mas eu sou americano.

— Não — disse Sandoz depois de um tempo. — *La lengua*. Inglês.

Assustado, John percebeu que havia entendido mal.

— Sim. Eu falo um pouco de espanhol, se o senhor preferir.

— Era italiano, *creo. Prima...* antes, quero dizer. No Hospital. *Sipaj... si yo...* — Ele parou, à beira das lágrimas, mas se controlou e falou pausadamente. — Ajudaria... se eu pudesse ouvir... apenas um idioma por um tempo. Inglês está bom.

— Claro. Não há problema. Vamos nos ater ao inglês — disse John, abalado. Ninguém lhe havia dito que Sandoz estava tão perturbado. — Serei breve, padre. Só queria me apresentar e ver como o senhor está. Não há pressa na preparação para as audiências. Tenho certeza de que elas podem ser adiadas até que o senhor esteja bem o bastante para...

— Para fazer o quê? — perguntou Sandoz, olhando na direção de Candotti pela primeira vez. Um rosto profundamente enrugado, ancestralidade indígena clara no nariz de ponte alta, nas maçãs do rosto amplas, no estoicismo. John Candotti não conseguia imaginar aquele homem rindo.

“Para se defender”, John ia dizer, mas parecia maldoso.

— Para explicar o que aconteceu.

O silêncio dentro da Residência era perceptível, principalmente ao lado da janela, onde se ouvia o interminável barulho carnavalesco da cidade. Uma mulher repreendia uma criança em grego. Turistas e repórteres circulavam, gritando por cima do rugido constante das habituais multidões do Vaticano e do tráfego de táxis. Havia reparos incessantes a fim de evitar que a Cidade Eterna desmoronasse, os trabalhadores da construção civil gritando, as máquinas rangendo.

— Não tenho nada a dizer. — Sandoz virou-se novamente. — Vou me retirar da Companhia.

— Padre Sandoz... Padre, o senhor não pode esperar que a Companhia o deixe ir embora sem entender o que aconteceu por lá. O senhor pode não querer enfrentar uma audiência, mas o que quer que aconteça aqui não é nada comparado ao que vão fazer o senhor passar lá fora, no momento em que sair pela porta — disse-lhe John. — Se nós compreendêssemos, poderíamos ajudá-lo. Facilitar as coisas para o senhor, talvez? — Não houve resposta, apenas um ligeiro endurecimento do rosto perfilado na janela. — Ok, escute. Voltarei daqui a alguns dias. Quando o senhor estiver se sentindo melhor, certo? Há alguma coisa que eu possa trazer para o senhor? Alguém que eu possa contatar para o senhor?